

Recado de João para João

ILKA BOAVENTURA*

O mineiro João Batista, natural do Morro da Garça, escreveu em 1963 para outro mineiro, João Guimarães Rosa.

A missiva tratava de esclarecer, dentre tantos, um dos mistérios do Morro: o de sua intimidade com um médico, escritor e boiadeiro, que lá pelos idos de 52 passou por ali, conduzindo uma boiada, até o sertão do São Francisco. Naquela época, pôde o boiadeiro João, namorá-lo a norte, leste e sul. Com olhos de grande escritor, percebê-lo como símbolo.

E tratava, também, de outro mistério: o do tal recado, que o belo morrão dava para Pedro Orósio, personagem de um conto que a este tempo já estava sendo lido em francês.

João Guimarães Rosa, então eleito para a Academia, respondeu ao Padre João Batista, historiógrafo e hábil cuidador da paróquia do Morro da Garça.

E assim, o Padre "Leite", como é conhecido na região, recebeu o recado do João e entendeu mais um dos mistérios do Morro. De João para João, compreendeu o conto, guardou o segredo e rezou.

*Professora de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC.

Hoje sobre Padre João LEBRÃO,

Aligri-me com sua carta, cheia de cordial e simpática, e, ao ler, fico imaginando. Isto é, surti-o de saber a idade, o aspecto, suas origens, visões de mundo, sua família, etc. etc. Há uma endereço que está na boca dos lebrãoistas: "Rua do Vinho a sigla posposta ao nome, para que não pertencera aqui ao proprietário. Quando recordo o nome da família, lembro-me dos filhos de Santo Afonso Maria de Lencastre, principalmente por serem, todos, sólidos missionários, de São Paulo, São João del-Rei, Vitória holandesa. Ah, e o João José, abade da casa, com amigos e hóspedes da chácara, no tempo dos bons Padres São Batista, Godofredo Strijbos, Henrique Brandão, Jerônimo, Clemente, Cornelio, Sebastião, Ferreira, Guilherme, Paulo e outros, e também os amigos Inácio Dorotheu, Eusebio, Lucas, etc. - todos qualificadamente esplendidos de vigor limpo e exata irradiação espiritual, so com sua presença e exemplos atraindo a gente para a devoção e o amor as coisas da ~~boa~~ religião.) E, o nosso Morro da Garça, que das partes mais altas de Cordisburgo as vezes se avista", pode enxergá-lo, da banda do norte, do leste e do sul, sucessivamente, durante dias, quando vim, em 1952, com uma boiada, do sertão da Sirga, no São Francisco. É belo, na verdade. Pode ser bem o símbolo que nele vê. Já está ele sendo lido no estrangeiro, na tradução francesa do livro; apenas, verteram o nome: "La se drasse le Morne du Héron, solitaire, triangulaire et sombre, semblable à une pyramide."

* * *

Sobre "O Recado do Morro", que mais poderei acrescentar? Em arte, não vale a intenção, e, assim, o autor nem tem o direito de "explicar" uma estória sua já publicada. So posso achar que não estarão talvez de todo errados os comentadores e criticos que viram naquela noveleta, principalmente, a afirmação do primado da intuição, da inspiração (e da revelação, não menos), sobre as operações e conceituações da logica e as conclusões da intelligencia reflexiva.

De fato, em que se resume a estória? Um homem, bom, forte, simples, primitivo, identificado com a natureza no que ela tem de mais alto, Pedro Orósio (Pedro: a pedra; "oros", em grego, monte) por apelido Chambergo ("cha": pianalto; "berg", em alemão: monte), não sabe que está correndo grave perigo: seus falsos companheiros maquinam assassina-lo. Mas a própria natureza (que se confunde, aqui, com o subconsciente de Pedro, se não com o "subconsciente coletivo" ou com o fundo escuro extra-racional, do qual as revelações brotam) tenta "avisá-lo" do perigo. O Morro, Morro da Garça. Pedro, ele mesmo, nada escuta, nada capta; porque esta voltado demais para a aparente realidade, para o mundo social, externo, de relações, objetivado — sempre enganoso. Quem aprendendo o recado, inicialmente, e o troglodita e estrebótico Gorgulho. E no seguir dos dias, o "recado" do Morro vai sendo retransmitido, passado de um a outro ser receptivo — um imbecil (q' qualhacôco), um lenino (o Joãozezim), um bobo de fazenda (o Guegue), um louco (o Homênedomine), outro doído (o Coletor), ate chegar a um, artista, poeta, compositor (o Pulgape). Sete elos, 7, numero simbólico, como simbólicos são os nomes das fazendas e fazendeiros percorridos pela comitiva. Cada um daqueles 7, involuntariamente, vai enriquecendo e completando o recado, enquanto que aparentemente o

